

## AMÉRICA (LATINA) EM PERSPECTIVA NA POESIA\*

### (LATIN) AMERICA IN PERSPECTIVE IN POETRY

Éverton de Jesus Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O espaço latino-americano figura como pano de fundo em obras literárias como *Toda a América* (1926), de Ronald de Carvalho, *Canto general* (1950), de Pablo Neruda, e *Latinomérica* (2001), de Marcus Accioly. Na tessitura do plano histórico, há ênfase no aspecto geográfico, mormente com a menção a localidades da América Latina. Diante do exposto, este estudo, com base em Dimas (1985), Brandão (2013) e Ramalho (2013), e a partir do levantamento de alguns referentes contidos nos poemas, tem o objetivo de traçar reflexões sobre a questão da apropriação do espaço latino-americano nos poemas, de modo a chegar a um entendimento sobre a geografia do canto épico e da geografia do canto lugar como formas de validar a imbricação entre espaço e literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia. América Latina. Espaço.

**ABSTRACT:** The Latin American space appears as a backdrop in books such as *Toda a América* (1926), by Ronald de Carvalho, *Canto general* (1950), by Pablo Neruda, and *Latinomérica* (2001), by Marcus Accioly. In the elaboration of the historical plan, there is an emphasis on the geographical aspect, especially with the mention of places in Latin America. Thereby, this study, based on Dimas (1985), Brandão (2013) and Ramalho (2013), and from the survey of some references contained in the poems, aims to outline reflections on the question of appropriation of the Latin American space in the poems, in order to understand the geography of epic singing and the geography of local as ways to validate the imbrication between space and literature.

**KEYWORDS:** Poetry. Latin America. Space.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras (UFS), Mestre em Literatura e Cultura (UFS), Doutor em Literatura e Recepção (UFS). Membro do CIMEEP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6100-3817>. E-mail: [etoosaantos@gmail.com](mailto:etoosaantos@gmail.com).

\*Artigo recebido em 25 de agosto de 2022 e aceito para publicação em 25 de outubro de 2022.



## Introdução

Este estudo se inicia com uma ressalva: não se trata de os textos literários abordados envolverem em sua composição apenas um espaço – seja mencionado, representado, simbolizado etc. O que a informação do título evidencia é a centralidade que a América Latina tem nas obras, de modo que se torna não somente o conteúdo – digamos, a matéria épica –, mas também a principal (não a única) referência geográfica e histórica sobre a qual se produzem os relatos. É com base nessa percepção que falamos em “um espaço”, ainda que, obviamente, dentro dessa mesma perspectiva, onde sejam identificadas múltiplas menções e ocorrências (continentes e subcontinentes, países, regiões, cidades, povoações etc., salvaguardadas as devidas proporções em cada uma das três obras).

Acreditamos que, tendo como pano de fundo a dimensão geográfica implicada nos textos, isso se transforma numa chave de leitura para compreender epopeias latino-americanas como as obras *Toda a América* (1926), do brasileiro Ronald de Carvalho, *Canto general* (1950), do chileno Pablo Neruda, e *Latinomérica* (2001), do também brasileiro Marcus Accioly. Uma visada sobre dois dos títulos já mostra o aspecto de totalidade em “*Toda*” e “*general*” (geral), assim como se nota o aspecto espacial em “*América*” e o adjetivo “Latino” amalgamado em uma palavra que é ao mesmo tempo “homérica” e “América”, sem nos esquecermos do “*Canto*” como primeiro índice de vozeamento que o poema traz e de “latino” como aspecto referente às línguas neolatinas faladas na América, como português, espanhol e francês. É nessa confluência entre canto (no sentido ao mesmo tempo de canção e lugar) e conto (no sentido de narração, relato) que situamos a presente discussão, sendo a América Latina tanto aquilo sobre o que se canta/conta quanto aquilo que é canto/território.

Com base nessas noções iniciais, elencamos como objetivo deste estudo elaborar algumas reflexões no tocante à apropriação realizada pelos poetas quanto ao espaço latino-americano, fazendo com que seus poemas se tornem uma representação geoistórica do subcontinente (aqui também referido como região). Tal enveredamento parte da hipótese de que a geografia do canto épico e a geografia do canto lugar validam, de algum modo, a ligação estabelecida entre espaço e literatura, algo que fica evidente nas obras *corpora*. Além disso, não podemos nos esquecer de que a tessitura das nações na bandeira da Pátria Grande (expressão cunhada por Darcy Ribeiro) ou da Nuestra América (esta tomada a José Martí) compõe o ideário dos poetas em relação à integração latino-americana, algo com que vários intelectuais e políticos desta parte dos trópicos já sonharam ou sobre o que já conjecturaram.



Para tanto, faremos leituras dos textos teóricos e críticos selecionados e traçaremos paralelos com o *corpora* literário, buscando reconhecer a incidência da América Latina como pano de fundo de uma série de discursos que legitimam a existência dela como um conjunto, mas também observando a constituição dos relatos a partir da multiplicidade de referentes e ocorrências a ela relacionados.

Com isso, esperamos demonstrar que o *locus* de enunciação latino-americano está também vinculado à perspectiva do espaço enquanto dimensão essencial para se compreender diversas demandas e muitos eventos (anteriores e posteriores à “descoberta” e à colonização), sendo os poetas cantadores de uma região que, ao ser vislumbrada literariamente, avança em direção a intercâmbios culturais, na medida em que se dá o reconhecimento de aspectos históricos e geográficos de alguma maneira compartilhados, corroborando a expressividade das epopeias enquanto recursos de identificação comunitária e, ao mesmo tempo, obras de arte através das quais se aprende, se deleita, se ensina.

### Algumas considerações iniciais

Inicialmente, alguns apontamentos de Antônio Dimas (1985) são relevantes para a discussão proposta, pois ajudam a esclarecer a especificidade da imbricação entre literatura e geografia. O estudioso destaca que a importância do geográfico é relativa, mas por vezes ganha evidência tanto quanto o foco narrativo e as personagens, além de ter papel determinante no desenvolvimento das ações e do enredo, ou seja, o espaço e suas noções se constituem como um viés pelo qual é possível agregar mais sentidos ao texto ou mesmo compreender a obra. Por isso, é essencial “descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo” (DIMAS, 1985, p. 6), para que, com isso, as relações entre o espaço e a história/o relato sejam iluminadas.

Desse modo, a função que o elemento espaço tem na literatura é mais do que algo acessório ou complementar, muitas vezes é a própria substância do texto, ficando em primeiro plano. Podemos dizer que isso se aplica às obras selecionadas de Carvalho, Neruda e Accioly pela profusão de elementos que ajudam a caracterizar a abordagem dos poetas acerca dessa região, construindo, assim, objetos literários que, conforme aponta Dimas (1985), beiram a obsessão geográfica, tão grande é a relevância dada ao todo e suas partes da América (Latina). Ou seja, considerar o local em que a maior parte dos relatos ocorre contribui para que sejam estabelecidas leituras concernentes à ambientação, atribuindo significados às escolhas realizadas pelos escritores.



Outro estudioso que pensa a relação entre espaço e literatura é Luis Alberto Brandão (2013), ressaltando a noção transdisciplinar da categoria espaço, a qual é tomada e adaptada por diferentes vertentes e campos do conhecimento, além de assinalar a ausência de um sentido unívoco para o conceito, ao qual são atribuídos definições e sinônimos como “lugar, campo, ambiente, região, setor, universo, paisagem, sítio, extensão, área, faixa, domínio, zona, território etc.” (BRANDÃO, 2013, p. 50), demonstrando a diversidade de concepções e o uso de termos diferentes, mas com a mesma intenção de remeter ao aspecto geográfico, espacial.

É importante mencionar que existem, segundo Brandão, quatro modos de abordagem do espaço mais recorrentes nos estudos literários ocidentais do século XX, a saber: “representação do espaço; espaço como forma de estruturação textual; espaço como focalização; espaço da linguagem” (2013, p. 58). O tipo de abordagem empregada nesta pesquisa é a primeira, representação do espaço, que, por sinal, é uma das mais utilizadas, uma vez que não se questiona o que é o espaço, ele é dado como algo “pré-dado” no universo extratextual, pré-existente, tendo características físicas e concretas. Assim, o cenário ou os lugares em que são contextualizadas as ações aparecem nas obras em forma de referentes geográficos como um recurso ficcional que, por exemplo, pode direcionar o olhar para se pensar no pertencimento ao local ou na identidade que se cria na relação firmada entre sujeito/personagens e espaço habitado, pelo qual se viaja ou do qual se ouve falar ou se conhece.

Na questão propriamente épica, Christina Ramalho (2013) faz algumas considerações que nos levam a entender os referentes geográficos como componentes da epopeia, ficando claro que podem aparecer em qualquer parte do texto. O que sobressai de mais relevante para a nossa discussão é a questão do plano histórico no que concerne ao conteúdo, emergindo daí duas categorias: “(a) especificamente histórico; (b) predominantemente geográfico” (RAMALHO, 2013, p. 109). Quanto ao plano histórico, trata-se da possibilidade que o poeta tem de tratar da história tradicional a partir de um contato abstrato, evidenciando fatos, eventos, acontecimentos, personagens, lugares, temporalidades, tudo isso em diálogo com versões tornadas matéria nos relatos épicos. Assim, é possível que a escrita de um poema longo focalize o elemento espaço como cerne do plano histórico, dando relevo a uma dimensão que pode exercer funções específicas e colaborar para o estabelecimento de diálogos e de uma cartografia literária em meio à recriação da história, no caso em questão, da América (Latina), o grande referente geográfico em que se inscrevem as ações tornadas substância nas



obras *corpora*. A partir desse aparato teórico, passaremos, na sequência, a um levantamento e algumas considerações acerca de elementos espaciais – especialmente os circunscritos à região em questão.

### A América (Latina) representada: um giro pelos poemas

O contexto de *Toda a América* (1926), *Canto general* (1950) e *Latinoamérica* (2001) se situa, em maior ou menor grau em cada uma das obras, na dimensão cultural, histórica, geográfica e política da América (Latina). O uso dos parênteses é para indicar que há casos, como os de Carvalho e Neruda, em que não aparece a expressão “América Latina”, como a menciona profusamente Accioly, mas somente “América”, que se compõe nos dois primeiros poemas quase que sempre como uma designação genérica para todo o continente, mas, de certa forma, uma metonímia para se referir mais especificamente à parte latina dos trópicos.

Iniciando pelo poema de Carvalho, é interessante pontuar que houve uma edição lançada no ano de 2001, a qual conta com um prefácio de Antonio Olinto intitulado “Poema de um Continente”, texto em que se apresenta a seguinte explicação: “Éramos, como ainda somos, todos, americanos. Somos a América. Os Estados Unidos se apossaram do termo por haverem incluído em seu nome a palavra América” (2001, p. 22-23). Ou seja, a chamada América Latina seria a verdadeira América, não a do Norte, que teria tomado para si o nome, integrando-se de algum modo ao continente devido à contiguidade territorial; e é objetivando encontrar ou retratar aspectos da identidade latino-americana literariamente que Carvalho parte, nessa obra, para a criação do sentido dessa massa composta por nações irmãs que se inscrevem sob o nome de americanas, sendo filiadas pela latinidade.

Para executar seu projeto, ainda que não abarque toda a América, como propõe o título do livro, Carvalho recorre a elementos espaciais como “pampas”, “savanas”, “planaltos”, “caatingas”, “sertão”, “mangues”, designando regiões, biomas, formações geográficas que compõem o espaço latino-americano. Em relação ao termo “América”, ele aparece 34 vezes ao longo de diferentes poemas, seja em posição de vocativo, seja como continente em que ocorrem ações, significando a terra americana. Em ambos os casos, a ocorrência cria a representação de uma viagem em que o eu-lírico/narrador – a dupla instância de enunciação dos poemas épicos – atravessa os mares e chega a diferentes destinos, reconhecendo a especificidade de sua terra americana e a contrastando com a Europa. Por sinal, “Europa”, “África” e “Ásia” aparecem citados apenas uma vez em um poema dessa obra de Carvalho.



Mais diretamente relacionados à América, principalmente a Latina, mapeamos os seguintes elementos: “Brasil” (país citado o maior número de vezes) e as seguintes localidades – “Juazeiro”, “Crato”, “Ouro Preto”, “Bahia”, “Congonhas”, “Sabará”, “Copacabana”, “Marajó”, “Ribeirão Preto” e “São Paulo”; “Chile” e alguns de seus territórios – “Iquique”, “Los Andes”, “Antofagasta”, “Arica”, “Maipo”, “Punta Arenas”; “México” e uma série de cidades – “Tampico”, “Tonalá”, “Jalisco”, “Tlaquepaque”, “Xochimilco”, “San Agustín Acólman”, “Cholula”, “Puebla de Los Angeles”, “Puebla”, “Querétaro”, “Guadalajara”, “Orizaba”, “Xochimilco”, “Oaxaca”, “Tenochtitlan”; “Bolívia” e sua capital, “Sucre”, além de “Potosí”; também são citadas “Mollendo”, “Tacna” e “Oroya”, no Peru; “Puente del Inca”, “Punta de las Vacas” e “La Pampa”, na Argentina; “Pittsburgh”, “Virgínia”, “Alaska” e “Broadway”, nos Estados Unidos; “Bogotá”, capital da Colômbia; “Cuba”; as ilhas ou grupos de ilhas “Trinidad”, “Antilhas”, “Barbados”; e a região dos “Andes”.

Esse painel diversificado – que de certo modo representa um roteiro de viagem percorrido pelo diplomata Ronald de Carvalho em suas atividades – apresenta os Estados Unidos (que não compõem a América Latina), sendo possível perceber, seja nos títulos, seja no corpo dos poemas, a referência a países, capitais, províncias, comunas, estados, regiões etc. que, no conjunto da obra, recobrem uma parcela do subcontinente e demonstram o itinerário da viagem, mas, acima de tudo, valorizam a pertença a esse território de “[...] massas informes, / onde as raças e as línguas se dissolvem” e em que “o nosso espírito áspero e ingênuo / flutua sobre as coisas, / sobre todas as coisas divinamente rudes, / onde boia a luz do dia Americano!” (CARVALHO, [1926] 2001, p. 31). Assim, a ocorrência desses elementos espaciais eleva a latino-americanidade para além da europeização, da colonialidade, evidenciando a especificidade geoistórica e cultural que dá cor e forma a essa “América de todas as imaginações, do asteca / e do germano, do guarani e do latino, do / hispano e do inca, do aimoré e do saxão, / do eslavo e do africano” (CARVALHO, [1926] 2001, p. 31).

Passando ao poema épico de Neruda, *Canto general* tem um quantitativo maior de elementos e de número de ocorrências<sup>2</sup>. Por exemplo, “América” aparece 62 vezes ao longo dos poemas, mas também são citados “Antártica”, “Ásia”, “Europa” e “Oceania”, além dos subcontinentes “Centro América” e “Norte América”, não aparecendo América do Sul. A menção a outros continentes não quer dizer, necessariamente, um contraste com a América como a toma o poeta em sua obra, mas vale esclarecer que, por ser a América o centro geoistórico da epopeia, o centramento do relato recai sobre ela, e, consequentemente, há um maior registro do nome desse continente.

<sup>2</sup> Em relação a *Canto general* e *Latinomérica*, não procederemos ao registro de todas as localidades mapeadas – como foi feito com *Toda a América* –, pois a quantidade de elementos é bem maior.



Ainda que não tenha sido observada, no nosso levantamento, a expressão “América Latina” para indicar a porção do continente em que de fato se situa o épico nerudiano, concebemos que o uso apenas de “América” se trata de uma metonímia, apresentando o todo como a parte, uma vez que, por exemplo, ainda que os Estados Unidos sejam mencionados, ou o Canadá, nossos irmãos do Norte, a ocorrência demonstra disparidades e oposições, especialmente em face do imperialismo norte-americano. Logo, depreendemos, nas nossas análises, que o canto geral é da América Latina, com suas dores, sua história de catástrofes, sua geografia contígua e entrecortada, sua resistência à barbárie, sua cultura mestiça.

No que diz respeito, por sua vez, ao mapeamento dos países latino-americanos e suas localidades, vemos a preocupação de Neruda em abordar ou ao menos pinçar elementos que deem conta de recobrir o território, o que torna sua epopeia uma cartografia literária. A única ressalva a ser feita é a ausência de “República Dominicana” (nominalmente falando), que não consta em *Canto general*, apenas sua capital, Santo Domingo. Já em relação às demais nações que compõem a região, 19 foram referenciadas, apesar de Costa Rica, El Salvador e Haiti somente aparecerem uma vez cada, e Argentina, Equador, Honduras, Panamá, Guatemala, Venezuela, Colômbia, Bolívia e Paraguai não terem muita expressividade – falando aqui em termos de nomeação e quantidade de ocorrências, não de importância no relato.

Por outro lado, na tentativa de justificar a maior quantidade de ocorrências observadas nos casos de Chile, México, Brasil e Peru, por exemplo, é preciso recorrer a eventos relatados na obra e/ou que dizem respeito diretamente à história do poeta. No que concerne ao Chile, além de ser a terra de origem de Neruda, é o principal microcosmo latino-americano com o qual as demandas do eu-lírico/narrador se enredam, valendo lembrar também que, antes de ser *Canto general*, a ideia do poeta chileno era compor um “Canto general de Chile”, que, por sinal, é o Canto VII da epopeia. Já em relação ao México, Neruda morou lá por alguns anos, além de ter sido nesse país, em 1950, que foi publicada a epopeia escrita na clandestinidade, pois à época Neruda estava sendo perseguido politicamente, assim como o Partido Comunista Chileno, pelo presidente Gabriel González Videla. Quanto ao Brasil, por sua vez, é mais lembrado como a pátria de Luís Carlos Prestes, político comunista que encabeçou o movimento chamado Coluna Prestes. E o Peru figura bastante na obra por ser onde se localiza Machu Picchu, a cidade em que Neruda teve a inspiração necessária para registrar a história de martírios da América. Para ilustrar o pendão integracionista na epopeia em questão, apresentamos a estrofe a seguir:



Me duele en ti mi pueblo,  
toda mi patria americana,  
todo lo que han roído de tus huesos  
dejándote ceñida por la espuma  
como una miserable diosa despedazada,  
en cuyo dulce pecho roto  
orinan los perros hambrientos  
(NERUDA, [1950] 2011, p. 486)<sup>3</sup>.

Tais versos evidenciam a totalidade da pátria americana do eu-lírico/narrador, que se expressa angustiosamente diante da condição de dor do povo e da série de catástrofes que se seguiram ao choque – não encontro – entre europeus e nativos na América. Esse continente, do qual foram roídos os ossos e que é comparado a uma miserável deusa despedaçada que alimenta seus filhos, ou seja, a massa de povos dessa terra que sofre pela espoliação e pela transgressão com o estado de coisas anterior à conquista, em 1492 (na América espanhola) e 1500 (no Brasil, a América portuguesa), seria marcado pela dor como um laço que unifica as vinte nações. Para curar as feridas coloniais, seria preciso fazer justiça poética e reescrever uma nova história à luz do revisionismo, ultrapassando, sem esquecer, o passado de violências e martírios, como denuncia o poeta.

Na sequência, a epopeia *Latinomérica* é a que mais apresenta elementos espaciais não apenas geográficos, físicos, mas também míticos (como “Paraíso”, “Éden”, “Eldorado”, “Atlântida”), compondo uma representação geral do subcontinente e, inclusive, abarcando no relato os demais continentes e alguns países de cada um deles. Além disso, em relação às nações latino-americanas, há uma abundância de cidades, povoações, distritos, capitais, isto é, territórios situados na região, o que mostra a preocupação de Accioly em demarcar geoistoricamente sua epopeia.

Na categoria continentes e subcontinentes, a expressão “América Latina” aparece 38 vezes, e o termo “América”, 318, o que reflete a apreensão de duas entidades apenas aparentemente distintas pelo eu-lírico/narrador. Isso porque o continente americano representaria a totalidade, ao passo que o subcontinente seria uma porção, uma região. No entanto, o mais das vezes “América” é o referente utilizado metonimicamente para abarcar a pátria grande latino-americana, não necessariamente o todo que integra Estados Unidos e Canadá, pois há uma clara distinção entre as histórias desses países e as das nações desta parte dos trópicos. Em se tratando dos demais continentes, “Áfri-

<sup>3</sup> “Me dói em ti meu povo, / toda a minha pátria americana, / tudo o que roeram de teus ossos / deixando-te cingida pela espuma / como miserável deusa despedaçada, / em cujo doce peito partido / urinam os cachorros famintos” (NERUDA, 2010, p. 428, tradução de Paulo Mendes Campos).





ca”, “Ásia”, “Oceania” e “Europa” são citados (faltando a Antártida), além de se remeter a “América Central”, “América do Sul” e “América do Norte”, constituindo, desse modo, uma cobertura em nível macro, diríamos globalizada.

No tocante à menção a todos os países latino-americanos, como dissemos, vale ressaltar que alguns têm mais expressividade que outros na tessitura do plano histórico, a exemplo de República Dominicana, Costa Rica, El Salvador, Venezuela, Honduras e Equador, cujas ocorrências não são muito significativas (porém, cabe dizer que cada país tem poemas cujos títulos são seus nomes e em que são tratadas questões específicas). O destaque, por sua vez, é dado ao Brasil, terra natal do poeta, país do qual mais se fala, seja pelo afeto e pelo nacionalismo, seja pelo maior domínio da história dele por Accioly, assim como ocorre também em Carvalho e Neruda – denotando maior relação entre poeta e lugar de origem.

Outra constatação a ser feita é que países como Haiti, México, Paraguai, Nicarágua, Cuba, Panamá, Argentina e Colômbia aparecem também com mais recorrência, mas, no conjunto, as vinte nações, ao serem citadas (sem ser necessário calcular quantas vezes para se concluir o que vamos assinalar), remetem ao chamado à identificação com a latino-americanidade e à partilha das histórias para participar da escrita da História, isto é, o fator geográfico serve como ponto de partida para, juntamente com a história, promover a comunhão entre as nações, aproximando-as e tornando o diálogo possível pela literatura. Ao invés da verticalidade dos patriotismos, a horizontalidade do transnacionalismo, essa é a proposta de integração que faz convergir o destino dos países da América Latina. Com o escopo de exemplificar como a questão da integração é trabalhada no poema em tela, trazemos os seguintes versos:

Deus te salve (PátriAmérica)  
 latinunidade (pano  
 de uma só bandeira) ó atlas  
 de terra (mapOceano)  
 MarOceano pintado  
 de azul e branco (no pano  
 de uma só bandeira) ó terra  
 em cores (globOceano)  
 ó pátria feita de pátrias  
 (ACCIOLY, 2001, p. 395).

O tema da união pode ser percebido no nível da formação de palavras, observando como “PátriAmérica”, “latinunidade”, “mapOceano”, “MarOceano” e “globOceano” se constituem por aglutinação – ou pela



justaposição em “MarOceano” –, sobressaindo a ligação entre a pátria e a América (que, no caso, seria a Pátria Grande), a raça latina e a unidade (melhor dizendo, a unidade latina, que poderia ser a mola propulsora da integração), e o mapa, o mar e o globo com o Oceano (trazendo à baila o contexto das navegações e das conquistas, do expansionismo europeu). É por meio da síntese das singularidades que os países latino-americanos têm que se abre a possibilidade de pensar o “pano de uma só bandeira” e a “pátria feita de pátrias” como um tecido em que as linhas são as nações. É nesse viés que entender a unificação dessa região como uma comunidade se torna um projeto que é, mais do que uma idealização, uma realidade a ser vivenciada, na medida em que se poderia, com isso, promover um desenvolvimento mútuo e compartilhado.

Levando a discussão a um outro nível, é interessante a respeito da geografia latino-americana e do seu potencial telúrico o que escreve Luis Alberto Sanchez, visto que dialoga diretamente com nossa intenção de focalizar essa dimensão das obras aqui estudadas. Citamos:

América – no sólo América latina sino América toda – existe, pues, como un todo, en función de su geografía. El territorio la nivela, le da unidad y personería. Poco importa que el paisaje, emanación de la geografía, no atraiga directa y concretamente, como objetivo inmediato, a sus escritores, mucho más importante y decisivo es que ese paisaje, o, mejor, la fuerza de la naturaleza, imprima su marca sobre los individuos, selle con su sello a la literatura americana, explicable sólo a través de la clave de su ambiente físico (SANCHEZ, 1991, p. 47)<sup>4</sup>.

Nesse âmbito, proceder ao mapeamento e à quantificação de certos referentes geográficos (observe-se que, para os intentos esboçados, não mapeamos, por exemplo, as referências a acidentes geográficos naturais como rios, oceanos e formas de relevo), nos ajuda, além de situar essa emanção da geografia, a visualizar os recortes feitos pelos escritores em tela, os referentes que mencionaram, do que porventura se esqueceram ou o que deixaram fora do relato, especialmente destacando que a América (Latina) é constituída ou se constitui através de um feixe de veias abertas (entendam-se as veias, aqui, como geografia, história, cultura, política, economia

<sup>4</sup> “A América – não apenas a América Latina, mas a América como um todo – existe, então, como um todo, dependendo de sua geografia. O território o nivela, dá unidade e personalidade. Não importa que a paisagem, emanção da geografia, não atraia direta e concretamente, como objetivo imediato, seus escritores, muito mais importante e decisivo é que esta paisagem, ou, melhor, a força da natureza, imprima sua marca nos indivíduos, carimbo da literatura americana, explicável apenas por meio da chave de seu ambiente físico” (tradução nossa).



etc.), fazendo eco a Eduardo Galeano (2017). Isso porque a América Latina, por um lado, ou a América (forma mais recorrente para se referir ao subcontinente de modo metonímico), não é invocada em vão, como diz Neruda, e precisa ter suas “hestórias” contadas e cantadas, como diz Accioly, e invocar/ contar/cantar perpassa exatamente revisitar o fluxo de narrativas em muitos pontos comuns, com suas personagens, seus acontecimentos e seus tempos particulares, que fazem com que o aspecto geográfico seja uma extensão do histórico e vice-versa, na composição desses poemas longos, e compreender isso colabora para se pensar o subcontinente enquanto um ente no mundo, nele imbricado e, portanto, significado; dele uma parte em comunicação com outras – maiores e menores.

### Considerações finais

Diante dos apontamentos expostos, fica claro que *Toda a América, Canto general e Latinomérica*, a despeito das peculiaridades que subjazem a cada obra, apresentam afinidades e exploram o potencial da integração latino-americana, aproximando realidades nacionais, narrando eventos ou abordando aspectos da cultura, ainda, recriando, a partir de topônimos, o sentimento de pertencimento que se expressa a partir do lugar. Numa perspectiva mais ampliada, cada elemento relacionado ao espaço é um recorte da América Latina, e o conjunto composto por cada recorte forma um mosaico, um tecido, o pano de uma só bandeira, fazendo eco, assim, a uma rede de pensadores e intelectuais que encorpam os debates quanto à unificação da região como uma transnação.

O que podemos depreender disso é que a literatura – como os exemplos de Carvalho, Neruda e Accioly – é uma via de acesso e difusão desses discursos que apregoam a latino-americanidade como identificação entre as vinte nações desta parte dos trópicos, não necessariamente uma união sob o domínio de um único governante ou um bloco com a finalidade de permitir fluxos financeiros somente, mas um conglomerado de países que se reconhecem como irmãos, aceitam suas diferenças, impulsionam suas semelhanças e se influenciam mutuamente a partir de trocas e diálogos, fazendo da solidariedade uma marca e da integração uma postura combativa para resistir aos imperialismos norte-americano e europeu, também se libertando das heranças coloniais e se projetando no cenário global.



## Referências

ACCIOLY, M. **Latinomérica**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

BRANDÃO, L. A. **Teorias do espaço literário**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

CARVALHO, R. de. **Toda a América**. Ilustrações por Nicola De Garo. 3. ed. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2001 [1926].

DIMAS, A. **Espaço e romance**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1985.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

NERUDA, P. **Canto geral**. Tradução de Paulo Mendes Campos. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NERUDA, P. **Canto general**. Edición de Enrico Santí. 13. ed. rev. 6. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011 [1950].

OLINTO, A. Prefácio: Poema de um Continente. In: CARVALHO, Ronald de. **Toda a América**. Ilustrações por Nicola De Garo. 3. ed. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2001, p. 19-24.

RAMALHO, C. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

SANCHEZ, L. A. **¿Existe América Latina?** Examen espectral de América Latina. 4. ed. Lima, Perú: Edición Luis Alva Castro, 1991.

